

Índices de Primeiro Mundo, problemas do terceiro

DF quebra recordes de consumo, mas não consegue prover todos os serviços essenciais à população

Sidrônio Henrique

Os índices de consumo são uma mostra do quanto é elevada a renda do brasiliense em comparação com os demais brasileiros. A cada ano, são consumidos em Brasília mais de 800 mil litros de uísque, o mesmo que na região metropolitana do Rio de Janeiro, que tem uma população cinco vezes maior. A estimativa é de distribuidores nacionais de bebidas.

Com um produto interno bruto (PIB) per capita de R\$ 10.974, o Distrito Federal supera em quase dez vezes o PIB per capita de Tocantins, que detém o menor valor entre os estados brasileiros. São Paulo e Rio de Janeiro têm, respectivamente, PIB per capita de R\$ 8.114 e R\$ 6.262, informa o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

A frota de veículos do DF, em relação a população, é a maior do Brasil. No DF, há um carro para cada 2,5 habitantes, um índice de Primeiro Mundo. A média nacional é de um carro para 9,4 habitantes. Em outras economias emergentes da América Latina, como México e Argentina, a média fica em 7,4 e 5,4, pela ordem. Já entre os suecos, há um automóvel para cada 2,2 habitantes. Nos Estados Unidos, a média é de 1,3.

A proporção de habitantes no DF por metro quadrado de área bruta locável (ABL) em shoppings é de 9,3, conforme a Associação Brasileira de Shopping Centers (Abrasce) -

apenas o Recife tem uma concentração o maior de área, com nove habitantes por metro quadrado de ABL. Existem 13 shoppings no DF, incluindo os de pequeno porte e os temáticos. Até o final do ano, mais dois serão inaugurados.

As duas empresas de telefonia celular da área 7, que atuam no Cen-

tro-Oeste e Tocantins, Rondônia e Acre, têm aproximadamente metade dos seus clientes no DF. "Brasília tem um peso muito grande neste mercado", afirma Ricardo Rubini, diretor de marketing da Americel, operadora da banda B.

"Antes, os migrantes che-



A média de veículos por habitante no DF - 2,5 - se iguala a Europa

gavam em paus-de-arara ou de ônibus e viviam mais afastados do Plano Piloto. Hoje, há pessoas com alto poder aquisitivo chegando à cidade. São os novos migrantes, que abrem escritórios e vão morar em flats", ressalta Aldo Paviani, pesquisador associado do Departamento de Geografia e do Núcleo de Estudos Urbanos Regionais (Neur) da Universidade de Brasília (UnB).

Migração

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta Brasília como a cidade brasileira com maior renda média mensal entre o pessoal ocupado, R\$ 948 - em segundo fica São Paulo, com R\$ 873. Ao mesmo tempo, é a terceira cidade mais cara do País, atrás apenas de São Pau-

lo e Rio de Janeiro. Com renda mais elevada que a média nacional, Brasília sofre uma pressão de demanda que eleva o custo de vida.

Um levantamento da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) da Universidade de São Paulo (USP) mostra que moradia, na capital federal, é 28% mais cara que a média das dez maiores cidades brasileiras. Serviços como aluguel, educação e transporte, cujos preços são balizados pela demanda e a renda, dão um salto em Brasília quando se olha para o resto do País.

Planejamento

Segundo o Balanço Anual **Gazeta Mercantil Distrito Federal** 1999, o Índice de Potencial de Consumo (IPC) do DF, calculado pela Florenza-

no Marketing, é de 2,358%. Este índice mostra a participação do DF no poder de compra das famílias brasileiras - estima-se que o Plano Piloto concentre 2/3 do total. O IPC do DF é um pouco maior que o do Ceará, estado que tem uma população três vezes e meia maior.

Quando Brasília foi inaugurada, há 40 anos, estimava-se que chegaria ao ano 2000 com 600 mil habitantes. Em janeiro deste ano, o DF atingiu a marca de 2 milhões de habitantes. "Durante a construção da cidade, não se observou a dinâmica populacional e, nos anos seguintes, as tentativas de conter o êxodo para Brasília foram muito tímidas", afirma Paviani. A população mais pobre acabou deslocada para as cidades-satélites mais afastadas e para os municípios do Entorno.

"Ao contrário do que ocorre no ABC paulista, por exemplo, as cidades-satélites não oferecem muitas oportunidades de emprego, criando fortes tensões sociais. As cidades-satélites, na maioria dos casos, acabam funcionando apenas como dormitório", comenta o pesquisador da UnB. "Brasília perdeu o rumo no projeto de urbanização sócio-espacial. Hoje, não se pode dizer que a cidade seja planejada em diversos aspectos, como educação e emprego", completa Aldo Paviani.

A taxa de desemprego no DF, de acordo com a Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), é de 20,8% - uma das mais elevadas do Brasil. São 182,9 mil desempregados, numa população economicamente ativa (PEA) de 878,1 mil pessoas. Quadro bem diferente dos primeiros anos da cidade. "Antes da inauguração de Brasília e no início dos anos 60, os órgãos públicos ofereciam emprego de porta em porta", lembra Durval Barbosa, presidente da Codeplan. O órgão prevê que, em 2010, o DF terá 2,5 milhões de habitantes, chegando aos 3 milhões em 2020.

Barbosa argumenta que, apesar de elevado, o desemprego no DF está estabilizando. Ele acredita que a retomada de algumas obras públicas e a atração de empresas através de incentivos fiscais poderão atenuar o problema.

Apesar da ocupação desordenada, o DF apresenta, segundo o Ipea, o menor índice do País de população vivendo em habitações precárias: 1,69%. Pesquisas realizadas pelo governo federal, para subsidiar programas de urbanização de favelas, apontam que esse índice chega a ficar próximo de 50% em grandes cidades do Norte e Nordeste, a exemplo de Belém e Recife.

População

Valores em mil pessoas

1960	139,8	mil
1970	537,5	mil
1980	1,2	milhão
1990	1,6	milhão
1996	1,8	milhão
2000	2,0	milhão
2010*	2,5	milhão
2020*	3,0	milhão

*Projeção

Fonte: Codeplan

Riqueza

Posse de bens nos domicílios (%)

Fogão	99
Rádio	93,9
Televisão	96
Geladeira	93,6
Freezer	31,2

Fonte: Centro de Informações da GZM